

PREFÁCIO

Em 1948, quando o autor deste trabalho teve a sorte de manusear um dos então raríssimos exemplares dos *Grundrisse*, de Karl Marx,¹ logo compreendeu que estava diante de uma obra fundamental para a teoria marxiana. Porém, pela forma do texto e, em parte, por sua linguagem, de difícil compreensão, compreendeu também que ele não atingiria círculos amplos de leitores. Decorreu daí a decisão de comentar a obra e, ao mesmo tempo, aproveitar algumas descobertas ali contidas. O primeiro objetivo (ao qual se relacionam sobretudo as partes II a VI deste trabalho) impôs a necessidade de reproduzir as idéias mais importantes dos *Grundrisse*, sempre que possível com as palavras do próprio Marx; o segundo exigiu digressões minuciosas, concentradas principalmente nas partes I e VII.

Para realizar o trabalho, o autor precisou lutar contra enormes dificuldades. As bibliotecas da cidade em que vive abrigam pouquíssimas obras socialistas publicadas em alemão, russo ou francês (para não falar de publicações tão imprescindíveis como *Die Neue Zeit* [O Novo Tempo] de Kautsky e outros). Por isso, foi obrigado a limitar-se principalmente aos poucos livros de sua própria biblioteca. Nessas condições, como é natural, freqüentemente desacreditou da viabilidade de seus objetivos. Mas isso não é tudo. Quanto mais penetrava no tema, mais claramente o autor compreendia que só conseguiria resvalar no problema mais importante e teoricamente mais interessante que os *Grundrisse* oferecem — o da relação entre as obras de Marx e de Hegel, especialmente no que diz respeito à *Lógica* deste último —, sem poder enfrentá-lo em profundidade.

Não há tema tratado com mais descuido pelos comentadores da teoria econômica de Marx do que o de seu método e, particularmente, de sua relação com Hegel. O que se pode ler sobre isso ultimamente são, quase sempre, lugares-comuns que, para usar palavras de Marx, revelam apenas um “grosseiro interesse sobre o tema” e mostram uma indiferença completa em relação ao método do próprio Marx. Como se poderia caracterizar, por exemplo, um teórico em psicologia que se interessasse pelos resultados obtidos por Freud, mas rechaçasse como impropriedade e até como “metafísica”

a questão de compreender a maneira como Freud chegou a tais resultados? Ele mereceria tão-somente um dar de ombros. Mas esta é a maneira como a maior parte dos atuais críticos e “conhecedores” de Marx emitem opiniões sobre sua construção teórica em economia! Das duas, uma: ou se negam a tratar do método dialético de Marx, já que (como tanto agrada aos partidários da “teoria moderna”) se dizem contrários a toda metafísica (o que lhes traz a vantagem de que assim podem deixar de lado o estudo desse método), ou se limitam a duas frases bem-intencionadas, que teria sido melhor omitir. Isso vale até mesmo para um crítico tão destacado como Joseph A. Schumpeter.

Em uma de suas últimas obras, Schumpeter afirma que, apesar de o autor de *O capital* ter sido um neo-hegeliano, “seria um erro e uma injustiça em relação à capacidade científica de Marx” considerar esse elemento filosófico como “a chave de seu sistema”. É verdade que Marx “manteve-se fiel ao seu primeiro amor durante toda a vida. Apreciava certas analogias formais que se podem estabelecer entre sua argumentação e a de Hegel. Gostava de mostrar seu hegelianismo e usar uma linguagem hegeliana. Mas não passava daí. Nunca traiu a ciência positiva em benefício da metafísica.”²

Schumpeter não diz novidade. Já em 1922 Lukács queixava-se do vício “de se considerar a dialética de Marx como um ingrediente estilístico superficial [...]. Até investigadores de modo geral cuidadosos, como Vorländer, acreditavam poder demonstrar que Marx ‘na realidade só havia flertado com conceitos hegelianos em dois trechos’ (embora logo acrescentassem um terceiro). Deixavam de advertir que *categorias decisivas* de seu método, *reiteradamente utilizadas*, provêm diretamente da *Lógica* de Hegel. Basta lembrar a origem hegeliana e a importância metodológica de uma diferenciação fundamental para Marx, entre imediação e mediação. Se essa origem e essa importância puderam permanecer despercebidas, isso mostra que Hegel segue sendo tratado como ‘cachorro morto’, apesar de ter voltado a ser ‘aceitável para as universidades’ e até mesmo ter voltado à moda. Afinal, que diria Vorländer de um historiador da filosofia que, confrontado com um continuador do método kantiano, por mais original e crítico que fosse, não percebesse, por exemplo, que a ‘unidade sintética da percepção’ tem sua origem na *Crítica da razão pura*?”³

Vemos que nenhuma modificação houve, quanto a isso, nas quatro décadas que nos separam da publicação do estudo pioneiro de Lukács. É certo: ao contrário de Vorländer, Schumpeter não era professor de filosofia, e em sua condição de economista não estava obrigado a ler o livro de Lukács ou os *Cadernos filosóficos* de Lenin, onde se diz mais ou menos a mesma coisa. Mas não deveria ignorar o que o próprio Marx escreveu. No epistolário de

Marx podemos ler esta conhecida passagem: “De outro lado, tenho diante de mim belos avanços; por exemplo, joguei por terra toda a teoria do lucro, tal como desenvolvida até hoje. Em meu método de elaboração, foi de grande valia ter voltado a consultar, por pura casualidade, a *Lógica* de Hegel.”⁴

Isso remete, por acaso, a “analogias formais” ou ao mero emprego da “linguagem” de Hegel? Ou, ao contrário, devemos deduzir que há alguma superficialidade na crítica marxista, inclusive naquela que ostenta o mais sério ar professoral?⁵

Seja como for, os *Grundrisse* de Marx eliminarão essa superficialidade. Em *O capital*, a influência de Hegel só se manifesta, à primeira vista, em algumas notas de pé de página. Já os *Grundrisse* são uma grande remissão a Hegel, especialmente à sua *Ciência da lógica*, e mostram a radical inversão materialista de Hegel. Depois da publicação dos *Grundrisse*, não será mais possível que os críticos acadêmicos de Marx escrevam sobre sua obra econômica sem que antes tenham estudado seu método e sua relação com Hegel. Os *Grundrisse* serão um osso muito duro de roer tanto para os adversários como para os partidários do marxismo. Ao fim e ao cabo, porém, sua publicação elevará o nível geral da literatura econômica marxista.⁶

Para terminar, algumas palavras *pro domo sua*. O autor não é nem economista nem filósofo *ex professo*.^{*} Por isso, não se atreveria a escrever um comentário aos *Grundrisse* se ainda existisse hoje — como existia na primeira terça parte deste século — uma escola de teóricos marxistas que estivessem mais preparados para cumprir a tarefa. Mas a última geração de teóricos marxistas dignos deste nome já nos deixou, na maioria dos casos como vítimas do terror, hitlerista ou stalinista. Isso interrompeu por décadas o desenvolvimento do patrimônio ideológico marxista. Sob tais circunstâncias, o autor se considera na obrigação de apresentar aos leitores o seu trabalho — por mais limitado e incompleto que possa ser —, na esperança de que depois dele venha gente mais jovem, para quem a teoria de Marx volte a ser uma fonte viva de conhecimentos e da prática que se guia por ela.

Março de 1967

* *Pro domo sua*: “pela própria casa”. Título de um discurso em que Cícero, de volta do exílio, reclamava indenização por sua casa incendiada. Usa-se em sentido figurado para indicar que alguém fala em defesa dos próprios interesses. *Ex professo*: como quem conhece bem o assunto. [N.T.]